

O Advento Digital e a nova missão da Biblioteca Pública

Ângela Salgueiro Pereira

Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira

Câmara Municipal de Leiria

2400-112 Leiria

Tel: 244 850 820

E-mail: biblioteca.municipal@cm-leiria.pt

RESUMO

As bibliotecas vivem actualmente um tempo de transformação, o ambiente estável da informação impressa foi fortemente abalado com o surgimento da informação digital e, especialmente, com o desenvolvimento de redes de informação dinâmicas.

A Internet, como meio de comunicação é uma área da difusão de informação que as bibliotecas não podem ignorar e que pode tornar-se a oportunidade de futuro para estes serviços tradicionais de informação.

Este contexto informacional de mudança, revela uma nova missão para a biblioteca, a de contribuinte de conteúdos digitais e disseminados pela Internet. Cumprir este papel será contribuir para um futuro da informação digital multicultural, multilinguística e representativa da Humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Digital, Internet, Biblioteca Pública

INTRODUÇÃO

Actualmente estamos a assistir a uma mudança clara do modelo de biblioteca, que está a ser movida e estimulada pela introdução das novas tecnologias de comunicação e informação, pela alteração do sistema tradicional de edição e especialmente, pelo novo meio de comunicação que surgiu na década de 90 – a Internet.

O presente artigo surge no âmbito de uma investigação desenvolvida para a obtenção de grau de Mestre no Mestrado em Estudos de Informação e Bibliotecas Digitais do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e, com ele, pretende-se partilhar um aspecto da reflexão sobre os factores e as transformações tecnológicas que estão a modificar o mundo das bibliotecas e alterar subtilmente toda a estrutura organizativa dos seus serviços tradicionais.

Finalmente, como reflexão nuclear, pretende-se analisar qual o papel que as Bibliotecas Municipais Portuguesas podem assumir no mundo digital que se está a desenvolver.

BIBLIOTECAS DIGITAIS VERSUS BIBLIOTECAS TRADICIONAIS

É ideia generalizada, afirmar-se que a Internet é uma grande biblioteca universal e que as nossas bibliotecas tradicionais irão brevemente deixar de ter importância. Os mais radicais anunciam mesmo o desaparecimento das bibliotecas físicas e tradicionais e a sua substituição por um novo modelo de biblioteca. Mas existe um outro grupo, conservador, céptico e fortemente moldado pelas tradicionais bibliotecas ‘papel’ que se mostram relutantes a este novo modelo de biblioteca, contestando a sua utilidade e eficácia e valorizando a importância do livro e do impresso na transmissão do saber.

Neste último grupo encontramos ainda muitos bibliotecários. Bibliotecários, que ao assistirem à multiplicação de documentos digitais e serviços de informação distribuídos pela Internet, receiam a morte das suas bibliotecas físicas. Mas será que as bibliotecas tradicionais irão mesmo perecer face a um novo paradigma de biblioteca? E o que será feito de todo o conhecimento por elas guardado durante séculos? Ficarão esquecidos? Ou será redistribuído em formato digital pelas novas bibliotecas? As bibliotecas digitais encarnam um modelo completamente novo de transmissão do saber ou apenas representam um novo estádio na evolução das bibliotecas tradicionais?

A biblioteca digital

O Conceito

Na última década têm proliferado textos e projectos realizados no âmbito deste novo conceito, mas a definição de biblioteca digital continua a ser pouco consensual. Pensamos que a razão para estas posturas conceptuais divergentes se deva ao facto de na sua génese terem contribuído duas comunidades académicas e profissionais distintas, oriundas de áreas disciplinares diferentes e que até há bem pouco tempo desenvolviam entre si uma interacção limitada nas investigações e projectos [1].

Mas o próprio conceito de biblioteca tradicional diverge

de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. Para o cidadão comum, a biblioteca identifica-se com o lugar físico onde se guardam os livros. Para os bibliotecários, a biblioteca representa uma instituição que organiza a informação para acesso ao público e preserva a memória da humanidade. Os investigadores, por seu lado, consideram-nas redes de informação que providenciam acesso ao conhecimento registado onde quer que ele esteja guardado [2].

Se por um lado, o conceito de biblioteca digital levantou tantas incertezas e discussões conceptuais entre os profissionais de informação, por outro lado, expandiu-se a ideia de que a Internet era a grande biblioteca digital, a funcionar em termos globais, conjugando a nova tecnologia dos computadores em rede, com a milenar tecnologia da escrita e possibilitando o arquivo e a disponibilização do saber a todos os que a utilizem. A Internet tem ainda a vantagem de funcionar vinte e quatro horas por dia e de alimentar-se das contribuições individuais de cada um dos seus utilizadores [3].

Mas a biblioteca digital não se limita apenas a estas características e a Internet está muito longe de se poder considerar uma dessas bibliotecas, mesmo que a informação que distribui seja digital e, aparentemente, esteja disponível ao público através de um computador com ligação à rede.

Considerando as diversas propostas que têm sido dadas à leitura, verificamos que existem características de consenso que poderão servir de referência a uma tentativa de definição da biblioteca digital [4]:

- Acesso remoto pelo utilizador através de um computador ligado à rede;
- Utilização simultânea do mesmo documento por diversos utilizadores;
- Inclusão em suporte digital de produtos e serviços de uma biblioteca física;
- Existência de colecções de documentos cujo acesso vai desde a referência bibliográfica ao texto integral;
- Provisão de acesso em linha a outras fontes externas de informação;
- Deixar de ser imperativo a necessidade da biblioteca ser proprietária dos recursos informativos solicitados pelo utilizador;
- Utilização integrada de diversos suportes de registo de informação (texto, som, imagem, números...);
- Unidade de gestão do conhecimento que inclui um sistema inteligente ou um especialista que ajude na recuperação da informação pertinente.

A biblioteca digital é uma colecção organizada de

informação, com serviços associados, onde a informação está armazenada em formatos digitais e é acessível através de uma rede [5]. Este conceito sublinha um dos aspectos mais relevantes para identificação de uma biblioteca digital – a organização sistemática dos dados. A maioria dos autores estão de acordo quanto a esta característica mas, Witten e Brainbridge vão mais longe, ao considerarem que ela é suportada por uma selecção criteriosa e uma manutenção constante das colecções.

Outro aspecto “revolucionário” que as bibliotecas digitais trouxeram ao mundo da biblioteconomia foi o facto de terem eliminado as barreiras físicas e as distâncias que sempre limitaram a actuação da biblioteca tradicional. Biblioteca sem muros é a expressão mais vulgar. Mas também neste aspecto convém clarificar o modelo: as bibliotecas digitais também necessitam de alguns limites, não serão limites físicos, geográficos ou temporais, mas limites temáticos, porque a noção de colecção implica noção de fronteira [6], porque só desta forma a constituição de bibliotecas digitais é exequível.

As Colecções e os documentos

Até há algumas décadas, o princípio alexandrino era universalmente aceite e defendia-se convictamente a ideia que a tarefa fundamental do bibliotecário era incrementar o fundo documental da sua biblioteca. Com o crescimento exponencial da informação e as dificuldades de gestão que isto provocou, a ideia da biblioteca em crescimento constante é substituída pela ideia de colecções focalizadas nas necessidades dos seus utilizadores e geridas de forma racional e sustentada.

O aparecimento da *World Wide Web* e a extensão das redes de comunicação potenciou o desejo de ver na Internet a nova Biblioteca de Alexandria, mas concordamos com G. Cardoso quando diz «A nossa Internet está, porventura, muito mais próxima da Biblioteca de Babel, sonhada pelo escritor argentino Jorge Luís Borges, do que da mítica Biblioteca de Alexandria» [7] A concretização prática de projectos de bibliotecas digitais voltou a colocar na ordem do dia a ideia de que é necessário definir instrumentos de selecção para a constituição de colecções digitais e organizar esses recursos de forma a serem posteriormente recuperados.

Neste ponto de análise coloca-se ainda outra questão que a realidade digital levantou. A questão é talvez uma das menos pacíficas para a comunidade biblioteconómica neste contexto de mudança. No modelo tradicional, as bibliotecas físicas eram proprietárias dos recursos, ou de uma das cópias desse recurso. Com o aparecimento e a inclusão dos recursos digitais no seio das suas colecções, as bibliotecas passam a dar acesso à informação e deixam de ser, forçosamente detentoras do objecto físico que contém essa informação. Fazendo um paralelismo entre os recursos digitais e os recursos impressos ressaltam, pelo menos, três aspectos em que as diferenças entre eles são claras e vão alterar a concepção tradicional da colecção da biblioteca:

- O ciclo editorial tradicional foi alterado, o

«editor» de um recurso digital pode ser apenas um jovem de 15 anos, por exemplo, e isso implica que alguém terá de verificar a qualidade desse conteúdo e esse alguém pode ser o bibliotecário que esteja a constituir a colecção digital de uma biblioteca;

- Nos materiais impressos identificam-se facilmente as cópias e o seu número pode ser controlado; com os recursos digitais não é possível, a biblioteca deixa de ter a certeza de quem fez a cópia do recurso;
- Os materiais impressos são completamente estáticos e, por exemplo, quando um livro sofre uma nova edição essa informação vem registada. A leitura do impresso também não lhe provoca alterações. Os registos de informação digital caracterizam-se essencialmente pela sua dinâmica e pela possibilidade de uma leitura interactiva que, de certo modo, pode alterar a sua aparência.

Em suma, a revisão da informação contida nos recursos pode estar constantemente a realizar-se e a biblioteca precisa de analisar bem que revisão do material está a disponibilizar ao seu público [8].

Os Utilizadores

Uma ideia pacífica é que as bibliotecas digitais proporcionam uma melhor disponibilização da informação e não obrigam à deslocação ao edifício da biblioteca tradicional porque, citando o investigador norte-americano, W. Arms «There is a library wherever there is a personal computer with a network connection»

Esta é uma das vantagens que as bibliotecas digitais trouxeram ao mundo das bibliotecas. O utilizador com estes serviços tem a oportunidade de poder consultar os seus conteúdos sem estar limitado ao horário de abertura ou à distância a que se encontram da biblioteca.

É com este mesmo objectivo que as bibliotecas públicas continuam a praticar intensamente o empréstimo domiciliário, mas mesmo assim, não conseguem ultrapassar todos os constrangimentos temporais que limitam a sua actuação, nem conseguem adaptar-se aos ritmos do quotidiano da comunidade que servem.

A forma mais recente de flexibilização dos serviços e de adaptação às diversas necessidades dos utilizadores da biblioteca é a utilização da Internet, como veículo de comunicação por excelência. Os exemplos de bibliotecas que utilizam a Internet para disponibilizar serviços são diversos. E o mais frequente é a existência de uma página ou de um sítio na Internet, onde o utilizador, para além de variadas informações sobre a biblioteca, as suas colecções e os seus serviços, pode consultar ainda e em linha, o catálogo bibliográfico. Continua, no entanto, a necessitar de se deslocar à biblioteca para consultar ou requisitar o recurso de informação ou a depender do seu envio postal.

Na sociedade em que vivemos o tempo é um bem precioso e o tempo que ainda persiste entre a pesquisa de um recursos informativos através de um catálogo e o acesso à informação integral pesquisada, não satisfaz os actuais utilizadores das bibliotecas. Ora, neste ponto exactamente, as potencialidades tecnológicas que as bibliotecas digitais utilizam, combinam e desenvolvem, abrem novas possibilidades ao mundo bibliotecário.

Mas é necessário ter cuidado e não esquecer que o uso extensivo destes serviços digitais depende muito da mudança de hábitos e do ambiente de trabalho dos utilizadores da biblioteca tradicional [9]. Esta é realmente a questão mais difícil de resolver quando se pretende implementar uma biblioteca baseada na tecnologia electrónica e informática.

Alguns estudos já foram realizados e revelaram aspectos interessantes, que podem auxiliar os profissionais na determinação do perfil do utilizador da biblioteca digital. Estas bibliotecas são encaradas pelos seus utilizadores como uma ferramenta com potencial poderoso mas que só poderão ser úteis se o utilizador possuir e desenvolver habilidades de exploração desses sistemas e de orientação dos resultados obtidos no sentido dos seus objectivos.

Esta tem sido a preocupação dos profissionais que se dedicam ao estudo das bibliotecas digitais – qual o nível de utilização destas bibliotecas. Contribuiu para a dificuldade desta análise o facto do utilizador da biblioteca digital não revelar um perfil único, à semelhança das bibliotecas físicas – estes vão desde os novatos aos especialistas [10]. Um outro estudo levado a cabo revelou ainda que uma interface de pesquisa muito complexa e difícil de operar desmotiva o utilizador, pelo que, no caso da biblioteca em estudo, se passou a optar por processos simples de pesquisa e por reduzir o número de formas de interacção em simultâneo [11].

O que estes estudos levam a concluir é que uma grande parte dos utilizadores prefere uma pesquisa rápida e que o desempenho dos motores de busca existentes na Internet permite a realização dessa pesquisa de forma geralmente satisfatória.

O fim das barreiras físicas

Embora as bibliotecas digitais se desenvolvam e existam independentemente da Internet, foi com ela que ganharam visibilidade e alargaram os campos da sua utilidade. Pela primeira vez as bibliotecas dispõem de um meio de difusão e comunicação que ultrapassa as fronteiras da comunidade tradicionalmente servida.

As fronteiras de uma comunidade servida por uma biblioteca tradicional são basicamente geográficas, embora existam outras pequenas comunidades de utilizadores que consultam as colecções dessa biblioteca. É o caso das Bibliotecas Municipais portuguesas que têm como referencial os limites do concelho e gerem os seus serviços e colecções em função desta comunidade delimitada no espaço e identificada com o território do Município.

Ora a Internet está a mudar o mundo da informação em diversos planos:

- No modo como a informação é publicada;
- No modo como se acede à informação
- E, numa óptica biblioteconómica, na capacidade de armazenamento de informação que revela.

Neste plano, ainda podemos observar outros aspectos singulares das faculdades do suporte electrónico em rede: capacidade de memória, a transportabilidade levada ao seu limite e ubiquidade da informação.

As fronteiras geográficas e temporais para uma biblioteca disseminada na Rede deixaram de ser um obstáculo ao seu utilizador. Os obstáculos, neste contexto, serão de outra ordem, e nem por isso menos, importantes e limitadores.

A TENDÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA INTERNET E O PAPEL DAS BIBLIOTECAS TRADICIONAIS

A Internet «é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global. Do mesmo modo que a difusão da imprensa no ocidente deu lugar ao que McLuhan denominou de ‘Galáxia de Gutenberg’, entramos agora num novo mundo da comunicação: a Galáxia Internet» [12].

E a difusão da Internet tem sido ascendente. No primeiro ano de utilização generalizada da *World Wide Web*, em 1995, contavam-se cerca de 16 milhões de utilizadores das redes de comunicação informática em todo o mundo. Em 2001 havia 400 milhões de utilizadores e as previsões são para atingir o 1.000 milhão em 2005 e, talvez, os 2.000 milhões em 2010. Mas, como refere Castells, a sua lógica, linguagem e limites ainda não são totalmente compreendidos, para além dos seus aspectos tecnológicos. [12]

Os vários estudos que se têm desenvolvido sobre a Internet revelam que a web é claramente centrada no espaço informativo dos Estados Unidos e esta tendência não revela mudança de orientação. Ao analisarem-se as predominâncias linguísticas da Web os resultados foram semelhantes, revelando um claro desequilíbrio entre o inglês dominante e as restantes línguas do mundo. E neste mapa linguístico o português, em 2002, aparece apenas com 1% de representação na web, e arriscamo-nos mesmo a dizer que desses 1%, a maioria dos produtores de conteúdos devem estar localizados no Brasil. [13]

Os resultados deste estudo, e de outros estudos semelhantes que foram desenvolvidos sobre a Internet, sustentam a ideia de que as bibliotecas têm uma nova missão a desempenhar no mundo digital, a de construtoras de conteúdos digitais para disseminação na Rede e o papel de mantenedoras da diversidade cultural global.

AS BIBLIOTECAS PUBLICAS NO CONTEXTO DIGITAL

Neste novo mundo de informação, um bibliotecário de leitura pública é levado a reflectir sobre o papel do serviço que tradicionalmente gere, neste contexto da informação digital.

A Biblioteca pública está a viver um momento de indefinição e de viragem, com a circunstância de não poder abandonar o modelo anterior, mas claramente a necessitar de desenvolver outros serviços que utilizem as facilidades das novas tecnologias. Como refere J. Magalhães é urgente passarmos à criação da biblioteca virtual portuguesa e a responsabilidade colectiva dessa criação é das bibliotecas [14].

As possibilidades que as novas tecnologias de informação hoje nos apresentam, são de tal forma diversas e ricas, que se tornaram rapidamente um factor estratégico para as bibliotecas e, no âmbito das bibliotecas públicas o que se observa é que os projectos digitais que desenvolvem centram-se, essencialmente, em redor das suas colecções de Fundo Local, orientadas para a necessidade de informação, conhecimento e caracterização da comunidade local tradicionalmente por elas servida ou das colecções de grande valor patrimonial e cultural que preservam.

São diversos os projectos que se têm desenvolvido nesta área temática, e numerosos os exemplos de criação de bibliotecas digitais no seio de bibliotecas tradicionais cujas colecções impressas possuem grande valor patrimonial e informativo. A Biblioteca Pública de Nova Iorque, considerada uma das pedras basilares da tradição americana de igualdade de oportunidades, refere na sua missão tradicional, as missões que são defendidas pelo Manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Públicas e, sobre a Colecção da Biblioteca Digital, afirma que esta completa a missão tradicional de promover o acesso livre e aberto ao conhecimento acumulado do mundo, na esfera do digital [15]. Estamos pois de acordo, que a constituição de bibliotecas digitais, a sua manutenção e disseminação pela Rede é um outro meio de cumprir as missões tradicionais da biblioteca pública.

Como constituir uma colecção digital?

Nos projectos analisados a selecção dos recursos a digitalizar eram orientados por três princípios genéricos que determinavam a escolha e a constituição da futura biblioteca digital:

- O interesse do segmento de público que perspectivamos atingir;
- O suporte financeiro e económico existente para o projecto;
- Os direitos de autor e propriedade intelectual.

Quem são os utilizadores da biblioteca digital? Os indivíduos que a utilizam podem ser internos ou externos à organização. Existirá sempre um público interno que utilizará esta biblioteca, muitas vezes para um melhor desempenho da sua actividade tradicional de referência. O público externo será muito mais difícil de caracterizar e

identificar. E corresponde a diferentes níveis da «pirâmide de informação» [16], desde o público em geral até aos investigadores, como já havíamos referido.

O suporte financeiro é outro factor condicionador à partida. Estas novas bibliotecas requerem não só um suporte financeiro de arranque de projecto, mas a sua estrutura tecnológica, cruzada com a mudança evolutiva constante das novas tecnologias, necessita de um suporte económico constante e capaz de a manter viva tecnologicamente e actualizada nos conteúdos digitais que oferece. Isto implica investimento quer no âmbito da renovação tecnológica, quer no âmbito da renovação de competências por parte da equipa que a organiza e sustenta.

O que se verifica é que, no âmbito das bibliotecas públicas digitais, são essencialmente os recursos informativos já do domínio público que estão a ser convertidos em suporte electrónico e a constituir as colecções digitais que podemos consultar livremente pela Internet. Só assim, mesmo em países economicamente desenvolvidos, é possível às bibliotecas públicas assegurar serviços digitais de acesso a conteúdos, totalmente gratuitos.

As colecções digitais de conteúdos recentes, fruto da investigação actual e que são vitais às comunidades científicas, estão a ser constituídas igualmente, mas o seu acesso é condicionado:

- A uma comunidade científica ou académica específica que pagou colectivamente pelo direito de aceder aos conteúdos,
- Ao utilizador individual que, para consultar essa informação, compra o seu acesso a essa biblioteca digital.

AS BIBLIOTECAS PUBLICAS PORTUGUESAS

As bibliotecas públicas portuguesas paralelamente à constituição da colecção documental geral que serve o público alargado que as procura, têm desenvolvido colecções de interesse local que vulgarmente chamamos de Fundo Local. Esta colecção assume-se muitas vezes como um dos serviços centrais da biblioteca e, o que se tem verificado nos últimos anos, é o crescente interesse por parte do utilizador, pela História e pelos Estudos de Interesse Locais.

Estas colecções de carácter local sempre foram tratadas de forma diferente da colecção geral. As Bibliotecas municipais têm como objectivo primeiro a difusão da informação e do conhecimento e o estímulo ao prazer pela leitura. Nesta linha de trabalho, as colecções são vistas na óptica da sua utilização pelo leitor e do empréstimo livre. A conservação de um recurso de informação não é um aspecto primordial. O mesmo já não acontece quando estamos a constituir a colecção do

Fundo Local. A missão de promover o conhecimento sobre a herança cultural, encerra em si a responsabilidade de preservar essa herança. Herança que escapa muitas vezes aos mecanismos da Biblioteca Nacional que asseguram a recolha dos recursos bibliográficos para a constituição e preservação do património bibliográfico português.

Os Fundos Locais são também um dos aspectos destrinçadores das colecções das bibliotecas municipais. Os recursosleccionados por estes serviços de interesse local são muito específicos, reflectem a actividade dessa comunidade e as características dessa região. O seu valor está exactamente no seu aspecto único e no papel vital que desempenha para o conhecimento da identidade da comunidade.

Sendo esta uma colecção irrepitível em outras bibliotecas, torna-se o bem informativo mais precioso que as bibliotecas municipais portuguesas podem oferecer ao mundo da informação electrónica. Elas encerram pequenas partes da memória nacional e no seu conjunto constituem a imagem mais aproximada que podemos ter daquilo que somos como país.

O modelo de biblioteca digital como nos referimos anteriormente, abriu um leque de oportunidades tecnológicas e de gestão que podem finalmente proporcionar a constituição de uma memória nacional partilhada e mais próxima da verdadeira identidade nacional. As barreiras são agora outras, a dos recursos financeiros para criarem e sustentarem os projectos e das competências informáticas e tecnológicas que os bibliotecários terão de desenvolver, de forma a construir estas bibliotecas digitais

CONCLUSÃO

A análise deste problema está longe de ser global, outros factores deverão ser estudados no âmbito da constituição destas bibliotecas. Estatísticas difundidas na Internet afirmam que mais de 35% da população portuguesa está ligada a este meio de comunicação [17]. O que não sabemos exactamente é o nível de profundidade com que esta população consulta a Internet. Fazendo jus às estatísticas, acreditamos que a maioria apenas a utilize com frequência para o correio electrónico. Abre-se neste campo outra área de reflexão e de trabalho a desenvolver pelos bibliotecários e factor de sucesso para as bibliotecas digitais que criaremos na Rede: a formação dos utilizadores para a pesquisa e recuperação de informação electrónica.

Considerando que as bibliotecas públicas têm um papel de construtoras regulares da memória local, acreditamos que um dos caminhos que estas instituições devem tomar num futuro próximo, seja o de contribuintes para uma memória holística universal multifacetada à semelhança do multiculturalismo característico no mundo em que vivemos.

Não conseguindo completar este papel, as bibliotecas

públicas arriscam-se a perder a sua importância no mundo da informação digital do futuro e a permitir que a imagem dada da humanidade seja predominantemente anglo-saxónica e representativa dos países mais desenvolvidos.

NOTAS

1. ARMS, William Y. - Digital libraries. Cambridge: The MIT Press, 2000, p.2
2. WITTEN, Jan H. e BRAINBRIDGE, David – How to build a Digital Library. Amsterdam [etc.]: Morgan Kaufmann, 2003, p.6
3. CARDOSO, Gustavo – Internet. [S.l.]: Quimera, 2003, p. 52
4. CUNHA, Murilo Bastos da – Desafios na construção de uma biblioteca digital. Ciência da Informação [Em linha]. Vol. 28, n.º3 (Set.-Dez. 1999). Brasília. [Consultado em 2002-06-23]. Disponível em [www:<URL:http://www.ibicit.br/online/280399/28039904.pdf>](http://www.ibicit.br/online/280399/28039904.pdf)
5. ARMS, William Y. - Digital Libraries. Cambridge: The MIT Press, 2000, p.1-2
6. WITTEN, Jan H. e BRAINBRIDGE, David – How to build a Digital Library. Amsterdam [etc.]: Morgan Kaufmann, 2003, p.7
7. CARDOSO, Gustavo – Internet. [S.l.]: Quimera, 2003, p. 52
8. LESK, Michael – Practical Digital Libraries: books, bytes and bucks. S. Francisco (California): Morgan Kaufmann, cop.1997
9. BUCKLAND, Michael – Redesigning Library Services [Em Linha]. Berkley: Digital Librabry SunSITE, cop. 1997, actual. em 1998-05-14. [Consultado em 2002-09-14]. Disponível em WWW: <URL: <http://sunsite.berkley.edu/Literature/Library/Redesignig/pdf.html>>
10. BLANDFORD, Ann e BUCHANAN, George – Workshop report. In : Usability of Digital Libraries: a workshop at JCDL 2002 [Em Linha]. [Consultado em 2002-09-14]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.ucl.ac.uk/annb/DLUsability/SIGIR.pdf>>
11. STOEFLER, Mah e REED, James – A User study of a Multi-collection Text. In Usability of Digital Libraries : a workshop at JCDL 2002 [Em Linha]. [Consultado em 2002-09-14]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.ucl.ac.uk/annb/DLUsability/Stoeffler1.pdf>>
12. CASTELLS, Manuel – A Galáxia da Internet. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 16
13. O'NEIL, Edward T.; LAVOIE, Brian F. e BENNETT, Rick – Trends in the Evaluation of the Public Web : 1998-2002. D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 9, n.º 4 (Apr.2003). [Consultado em 2003-06-18]. Disponível em [www: <URL: http://www.dlib.org/dlib/april03/lavoie/04lavoie.html>](http://www.dlib.org/dlib/april03/lavoie/04lavoie.html)
14. MAGALHÃES, José - O leitor da biblioteca digital: utopia e realidade. Leituras: Revista da Biblioteca Nacional. N.º1 (Outono 1997). Lisboa: B. N., 1997. Pp. 61-66
15. The Digital Library - The New York Public Library. <<http://digital.nypl.org/about.html>>
16. FUHR, Norbert e outros – Digital Libraries: A Generic Classification and Evaluation Scheme. [Consultado em 2003-08-12] Disp. em [www: <URL: http://www.is.informatik.uniduisburg.de/bib/fulltext/ir/Fuhr_et_al:01.pdf >](http://www.is.informatik.uniduisburg.de/bib/fulltext/ir/Fuhr_et_al:01.pdf)
17. Sítio de Matthew Zook com a investigação constante sobre a geografia da indústria da Internet. [consultada em 2004-02-29] Disponível em [www: <URL: www.zooknic.com>](http://www.zooknic.com)